

BESTSELLER INTERNACIONAL
MELHOR THRILLER DA AMAZON



A
MINHA
ADORÁVEL
ESPOSA

«Uma estreia obscura
e irresistível.»

PEOPLE

SAMANTHA
DOWNING

SUMA
de letras

Um

Ela olha para mim. Com um pestanejo, os seus olhos azuis vítreos desviam-se para a sua bebida, para voltarem a erguer-se. Eu olho para o meu copo, mas sinto-a a observar-me, enquanto se pergunta se estarei tão interessado como ela. Depois, olho-a de novo e sorrio, para lhe mostrar que estou. Ela retribui-me o sorriso. A maior parte do seu batom desapareceu, sendo agora apenas uma mancha avermelhada no rebordo do copo. Aproximo-me e sento-me no banco ao seu lado.

Ela compõe o cabelo, que é absolutamente comum, tanto na cor como no comprimento. Os seus lábios mexem-se. Ela diz «olá», com os olhos mais brilhantes. Parecem ter luz própria.

Pareço-lhe fisicamente atraente, como pareceria à maior parte das mulheres neste bar. Tenho trinta e nove anos e estou em excelente forma, tenho uma cabeleira farta e covinhas nas faces, e o meu fato assenta-me melhor do que uma luva. Foi por isso que ela olhou para mim, que sorriu, que está feliz por me ter aproximado dela. Sou o homem que idealiza.

Empurro o meu telemóvel sobre o balcão na sua direção. O ecrã exhibe uma mensagem.

Olá. Chamo-me Tobias.

Ela lê e franze o sobrolho, desviando os olhos de mim para o telefone. Escrevo outra mensagem.

Sou surdo.

Ela ergue as sobrancelhas e tapa a boca com uma mão, com a pele a ruborizar-se. O embaraço manifesta-se da mesma forma em toda a gente.

Depois, olha para mim e abana a cabeça. Muita, muita desculpa. Ela não sabia.

Claro que não. Como podias saber?

Ela sorri. É um meio-sorriso.

Já não sou a imagem que ela tinha em mente, já não sou o homem que tinha imaginado, agora, porém, não sabe muito bem o que fazer. Pega no meu telemóvel e escreve uma resposta.

Chamo-me Petra.

Prazer em conhecer-te, Petra. És russa?

Os meus pais eram.

Anuo e sorrio. Ela assente e sorri. Consigo ver a sua mente agitada.

Sei que preferia não ficar comigo. Quer ir à procura de um homem que a ouça rir e que não tenha de escrever as próprias palavras.

Ao mesmo tempo, a sua consciência diz-lhe que não deve discriminar. Pedra não quer ser a mulher superficial que recusa um homem por ele ser surdo. Não quer rejeitar-me como tantas outras fizeram.

Ou, pelo menos, é o que calcula.

A sua batalha interior é como uma peça em três atos a desenrolar-se diante dos meus olhos, e sei como termina. Pelo menos, na maior parte das vezes.

Ela fica.

A primeira pergunta que me faz é sobre a minha audição, ou a falta dela. Sim, sou surdo de nascença. Não, nunca ouvi nada — nem

uma gargalhada, nem uma voz, nem um cãozinho a ladrar, nem um avião a passar no céu.

Petra dirige-me uma expressão triste. Não percebe que isso é paternalista, mas também não lho digo, porque ela se está a esforçar. Porque ela fica.

Pergunta-me se consigo ler os lábios. Faço um aceno afirmativo. Ela começa a falar.

— Quando tinha doze anos, parti a perna em dois sítios. Num acidente de bicicleta. — A sua boca mexe-se da forma mais exagerada e grotesca. — Pronto, tive de usar um gesso que ia do pé à coxa. — Ela pára, desenha uma linha sobre a coxa, para o caso de eu ter dificuldade em perceber. Não tenho, mas agradeço o esforço. E a coxa.

Ela continua.

— Não consegui andar durante seis semanas. Na escola, tinha de andar de cadeira de rodas, porque o gesso era demasiado pesado para andar de muletas.

Sorrio, a tentar imaginar a pequena Petra com um gesso enorme. A tentar imaginar qual o objetivo desta história triste.

— Não estou a dizer que sei o que é viver numa cadeira de rodas, nem ter uma deficiência permanente. Mas sinto sempre... bem, é como se tivesse tido uma amostra do que seria, percebes?

Anuo.

Ela sorri, aliviada do receio de que a sua história me pudesse ter ofendido.

Escrevo:

És muito sensível.

Encolhe os ombros. Fica feliz com o elogio.

Bebemos outro copo.

Conto-lhe uma história que nada tem que ver com o facto de eu ser surdo. Falo-lhe num animal de estimação da minha infância, um sapo chamado *Sherman*. Costumava sentar-se na pedra maior

do laguinho a comer todas as moscas. Nunca tentei apanhar o *Sherman*; ficava só a observá-lo, e, por vezes, ele também me observava. Gostávamos de ficar ali sentados juntos, e comecei a dizer que ele era o meu animal de estimação.

— O que lhe aconteceu? — pergunta Petra.

Encolho os ombros.

Um dia, a pedra estava vazia. Nunca mais o vi.

Petra diz que é triste. Eu digo-lhe que não. Triste teria sido encontrar o seu corpo sem vida e ser obrigado a enterrá-lo. Nunca tive de o fazer. Imaginei apenas que ele tinha ido para um charco maior com mais moscas.

Ela gosta disto e diz-mo.

Não lhe conto tudo a respeito do *Sherman*. Por exemplo, que ele tinha uma língua muito comprida, que se projetava à sua volta tão depressa que mal a conseguia ver, mas queria sempre agarrá-la. Costumava sentar-me junto ao charco a perguntar-me se esse era um pensamento assim tão mau. Seria assim tão terrível tentar agarrar na língua de um sapo? Isso doer-lhe-ia? Se ele morresse, eu seria um assassino? Nunca tentei agarrar-lhe na língua e, se calhar, também não o teria conseguido fazer, mas pensei nisso. O que me fez sentir que não era um bom amigo para o *Sherman*.

Petra fala-me do seu gato, o *Lionel*, que tem o mesmo nome do gato da sua infância. Digo-lhe que é engraçado, embora não esteja muito convencido disso. Ela mostra-me fotografias. O *Lionel* é um gato malhado, com um focinho preto e branco. É demasiado carrancudo para ser fofo.

Ela continua a falar e muda de assunto para o seu trabalho de *marketing* em produtos e empresas, dizendo que é ao mesmo tempo a coisa mais fácil e mais difícil de se fazer. Difícil ao princípio, porque é muito trabalhoso fazer com que as pessoas se lembrem seja do que for, mas, à medida que mais gente começa a reconhecer uma marca, torna-se mais simples.

— A certa altura, já nem interessa o que estamos a vender. A marca torna-se mais importante do que o produto. — Aponta para o meu telemóvel e pergunta se o comprei por causa da marca ou por gostar do telemóvel.

As duas coisas?

Ela sorri.

— Estás a ver? Nem sequer tens a certeza.

Talvez seja verdade.

— Qual é a tua profissão?

Contabilista.

Ela anui. É a profissão menos excitante do mundo, mas é sólida, estável e algo que um tipo surdo pode fazer facilmente. Os números não têm voz.

O empregado aproxima-se. Aparentando ser um estudante universitário, vem apumado e limpo. Petra encarrega-se dos pedidos, só porque sou surdo. As mulheres acham sempre que preciso que cuidem de mim. Gostam de fazer coisas para me ajudar, porque julgam que sou fraco.

Petra consegue que nos tragam mais duas bebidas e outra taça de aperitivos, depois, sorri como se estivesse orgulhosa de si própria. Isso faz-me rir. Em silêncio, mas rio-me.

Ela inclina-se mais para mim e põe uma mão sobre o meu braço. Deixa-a ficar. Esqueceu-se que não sou o seu homem ideal, e o curso da nossa história é agora previsível. Não demorará muito até irmos para sua casa. A decisão é mais fácil do que devia, mas não porque a considere particularmente atraente. É a escolha. Ela dá-me o poder de decidir, e, neste momento, sou um homem que diz «sim».

Petra vive na baixa, perto do bar, rodeada por todos aqueles grandes anúncios das marcas. A sua casa não está tão arrumada como eu esperava. Há uma confusão de coisas por todo o lado: papéis, roupas e pratos. Leva-me a pensar que deve perder as chaves muitas vezes.

— O *Lionel* anda algures por aí. Muito provavelmente, escondeu-se.

Não procuro o gato carrancudo.

Ela anda por ali às voltas, deixa a mala num sítio e descalça os sapatos noutra. Aparecem dois copos cheios de vinho tinto, e ela leva-me para o quarto. Vira o rosto para mim, sorridente. Petra tornou-se mais atraente — até o seu cabelo comum parece mais luzidio. É o álcool, sim, mas é também a sua felicidade. Fico com a sensação de que não era feliz há algum tempo, e não sei muito bem porquê. Petra é suficientemente atraente.

Ela encosta-se a mim, o corpo quente, o hálito ensopado de vinho. Tira-me o copo da mão e pousa-o.

Só acabo de o beber muito mais tarde, quando estamos no escuro, e a única luz vem do meu telemóvel. Trocamos mensagens, gozando de nós próprios e do facto de não nos conhecermos.

Pergunto:

Cor preferida?

Verde-lima. Gelado?

Pastilha elástica.

Pastilha elástica? Aquela coisa azul?

Sim.

Quem é que gosta disso?

Qual é o teu preferido?

Baunilha francesa. Ingrediente na piza?

Fiambre.

Acabou-se.

Acabou-se?

Espera, ainda estamos a falar de piza?

Não estamos a falar de piza.

A seguir, é ela a primeira a adormecer. Penso em ir-me embora, depois, penso em ficar, e a ideia fica tanto tempo às voltas na minha cabeça que adormeço.

Quando acordo, ainda está escuro. Deslizo para fora da cama sem acordar Petra, que dorme de barriga para baixo, com uma perna torcida e o cabelo sobre a almofada. Não consigo decidir se gosto dela, se não, por isso, não decido. Não tenho de o fazer.

Sobre a mesa de cabeceira estão os seus brincos. São feitos de vidro colorido, uma espiral de tons azuis, e parecem-se com os seus olhos. Depois de me vestir, enfio os brincos no bolso. Levo-os para me lembrar que não vou voltar a fazer isto. Quase acredito que funcionará.

Dirijo-me para a porta sem olhar para trás.

— És mesmo surdo?

Ela di-lo em voz alta, para as minhas costas.

Ouçõ-a, porque não sou surdo.

Mas continuo a andar.

Finjo não a ouvir; dirijo-me para a porta e fecho-a atrás de mim, depois, continuo até estar no exterior do seu prédio, ao fundo do quarteirão, e contornar a esquina. Só nesse momento paro e me pergunto como terá ela percebido. Devo ter cometido um deslize.

Dois

Não me chamo Tobias. Só uso esse nome quando quero que alguém se lembre de mim. Neste caso, o empregado do bar. Apresentei-me, escrevendo o meu nome quando entrei e pedi um copo. Há de lembrar-se de mim. Há de lembrar-se que Tobias é o surdo que saiu do bar com uma mulher que acabou de conhecer. O nome foi para ele, não para Petra. Em todo o caso, ela também se vai lembrar de mim. Com quantos homens surdos teria ela dormido?

E, se eu não tivesse cometido um erro, teria sido uma estranha nota de rodapé na sua história sexual. Mas agora irá lembrar-se de mim como o «falso surdo» ou o «presumível falso surdo».

Quanto mais penso nisso, mais me pergunto se não terei cometido dois deslizes. Talvez tenha estacado quando ela me perguntou se era mesmo surdo. É possível, porque é isso que as pessoas fazem quando ouvem alguma coisa inesperada. E, se o fiz, provavelmente, ela viu-o. Provavelmente sabe que menti.

Na viagem de regresso a casa, tudo é desconfortável. O assento do meu carro parece-me áspero, e doem-me as costas. Tudo na rádio parece demasiado ruidoso, e quase toda a gente grita. Mas não posso dizer que é tudo por culpa da Petra. Já há algum tempo que tenho estado irritável.

Em casa, tudo está em silêncio. A minha mulher, Millicent, ainda está deitada. Somos casados há quinze anos, e ela não me chama Tobias. Temos dois filhos: Rory, de catorze anos, e Jenna, um ano mais nova.

O nosso quarto está às escuras, mas consigo distinguir a forma de Millicent debaixo das cobertas. Tiro os sapatos e dirijo-me para a casa de banho em bicos de pés.

— Então?

Millicent soa bem acordada.

Viro-me um pouco e vejo a sua sombra apoiada sobre um coto-velo.

Lá está outra vez. A escolha. Da parte de Millicent, é uma raridade.

— Não — respondo.

— Não?

— Não serve.

O ar entre nós torna-se gelado. Apenas derrete quando Millicent suspira e volta a deitar a cabeça.

Ela levanta-se antes de mim. Quando entro na cozinha, está a organizar o pequeno-almoço, os almoços para a escola, o dia, as nossas vidas.

Sei que lhe devia falar de Petra. Não do sexo — não falaria disso à minha mulher. Mas devia dizer-lhe que me enganei, e Petra nos serve. Devia fazê-lo, porque é um risco deixar Petra por aí à solta.

Em vez disso, não digo nada.

Millicent olha para mim, a sua decepção atinge-me como uma força física. Tem olhos verdes, de muitos tons de verde, como um camuflado.

Não são nada como os de Petra. Millicent e Petra não têm nada em comum, exceto ambas terem dormido comigo. Ou com uma versão de mim.

Os miúdos descem as escadas depressa, já a gritar um com o outro, a discutir sobre quem disse o quê sobre não-sei-quê na escola ontem. Estão vestidos e prontos para a escola, como eu estou vestido para o trabalho, com a minha roupa branca de ténis. Não sou, nem nunca fui contabilista.

Enquanto os meus filhos estão na escola e a minha mulher anda a vender casas, eu fico ao ar livre, no campo, ao sol, a ensinar gente a jogar ténis. A maior parte dos meus clientes são pessoas de meia-idade

e em pouca forma, com demasiado tempo e dinheiro. De vez em quando, sou contratado por pais que acreditam que o filho é um prodígio, um campeão, um futuro exemplo. Até agora, estiveram todos enganados.

Contudo, antes de poder sair para ensinar a alguém seja o que for, Millicent faz-nos sentar todos juntos uns cinco minutos. Chama-lhe pequeno-almoço.

Jenna revira os olhos, bate os pés, ansiosa por recuperar o telefone. Não são permitidos telemóveis à mesa. Rory é mais calmo do que a irmã. Aproveita ao máximo os nossos cinco minutos, comendo tudo o que consegue e enchendo os bolsos com o que não lhe cabe na boca.

Millicent está sentada à minha frente com uma chávena de café encostada aos lábios. Está vestida para o trabalho, com uma saia, uma blusa e sapatos de salto alto; tem o cabelo ruivo puxado para trás. O sol da manhã fá-lo parecer de cobre. Somos da mesma idade, mas ela tem melhor aparência — sempre teve. Ela é a mulher que eu não devia ter conseguido conquistar.

A minha filha não pára de tamborilar no meu braço, como que ao ritmo de uma música, e continua a fazê-lo até eu lhe prestar atenção. Jenna não é parecida com a mãe. Os olhos, o cabelo e o formato do seu rosto vêm de mim, o que umas vezes me entristece. Outras, não.

— Pai, podes levar-me a comprar sapatos novos, hoje? — pergunta. Está a sorrir, porque sabe que vou dizer que sim.

— Sim — digo.

Millicent dá-me um pontapé por baixo da mesa.

— Esses sapatos têm um mês — diz ela a Jenna.

— Mas já me estão apertados.

Nem a minha mulher consegue rebater isto.

Rory pergunta se pode ir jogar uns minutos antes de ir para a escola.

— Não — rebate Millicent.

Ele olha para mim. Eu devia dizer «não», mas agora não posso, depois de ter dito «sim» à sua irmã. Ele sabe-o, porque Rory é o mais esperto. Também é o que se parece com Millicent.

— Vai lá — respondo.

Ele sai a correr.

Millicent bate com a chávena de café no pires.

Jenna pega no seu telefone.

O pequeno-almoço acabou.

Antes de se levantar da mesa, Millicent olha-me furiosa. Parece-se muito com a minha mulher e, ao mesmo tempo, não se parece nada com ela.

Foi num aeroporto que vi Millicent, pela primeira vez. Eu tinha vinte e dois anos e regressava do Camboja, onde fora passar o verão com três amigos. Andávamos todos os dias pedrados e todas as noites bêbados, e nunca fizemos a barba. Quando saí do país era um miúdo dos subúrbios, de cabelo e barba bem cortados. Quando regresssei, era um homem desgrenhado e de barba comprida, muito bronzeado e com algumas histórias fantásticas para contar. Nenhuma comparada com Millicent.

Eu estava a fazer escala, a primeira no regresso ao país. Passei pela alfândega e dirigia-me para o terminal doméstico quando a vi. Millicent estava sentada junto a uma porta de embarque vazia, sozinha, com os pés apoiados na sua mala. Tinha os olhos fixos nas janelas rasgadas do chão ao teto com vista para as pistas. O seu cabelo ruivo estava apanhado num carrapito solto e vestia uma *T-shirt*, calças de ganga e ténis. Parei para a estudar, enquanto ela observava os aviões.

Era a maneira como olhava pela janela.

Eu tinha feito a mesma coisa, quando partira em viagem. O meu sonho era viajar, ver lugares como a Tailândia, o Camboja e o Vietname, e foi o que fiz. Agora, estava de volta a território conhecido,

de regresso ao lugar onde fora criado, mas os meus pais já lá não estavam. Embora não tenha a certeza de alguma vez terem estado realmente presentes. Para mim.

Quando regresssei, o meu sonho de viajar tinha sido concretizado, mas não substituído por outro. Até ver Millicent. Ela parecia estar a começar o seu próprio sonho. Naquele momento, tive vontade de fazer parte dele.

Na altura, não pensei em nada disto. Foi mais tarde que me ocorreu, quando tentei explicar a Millicent, ou a outra pessoa, porque a achei tão atraente. Mas, naquele momento, continuei a dirigir-me para a porta de embarque seguinte. Depois de já ter viajado vinte horas e ainda ter mais algumas pela frente, nem consegui arranjar forças para falar com ela. A única coisa que consegui fazer foi admirá-la.

Acabámos por embarcar no mesmo voo. Vi isto como um sinal.

Ela ia num lugar à janela, e o meu era o do meio na fila central. Foi preciso algum esforço de persuasão, namoriscar com uma assistente de bordo e uma nota de vinte dólares, para conseguir passar para o lugar ao lado de Millicent, que nem levantou os olhos quando me sentei.

Quando passou o carrinho das bebidas, já eu tinha maquinado um plano. Pediria o que ela pedisse, e, como já tinha decidido que ela era especial, não a consegui imaginar a pedir nada tão banal como água. Seria qualquer coisa mais invulgar, como sumo de ananás com gelo, e, quando eu pedisse o mesmo, teríamos ali um momento de paralelismo, simbiose, feliz acaso — não importava o quê.

Tendo em conta que não dormia há muito tempo, este plano pareceu-me plausível até ao momento em que Millicent disse à assistente de bordo «não, obrigada». Ela não queria nenhuma bebida.

Eu disse o mesmo. Não teve o mesmo efeito.

Mas quando Millicent se virou para a assistente de bordo, vi os seus olhos, pela primeira vez. A sua cor lembrou-me os campos luxuriantes e abertos que tinha visto por todo o Camboja. Não eram tão escuros como agora parecem.

Ela virou-se de novo para a janela. E eu voltei a olhar para ela, embora fingisse não o fazer.

Disse a mim mesmo que estava a ser um idiota e devia limitar-me a falar com ela.

Disse a mim mesmo que devia passar-se qualquer coisa comigo, porque as pessoas normais não se comportavam daquela maneira por uma rapariga que nunca tinham visto na vida.

Disse a mim mesmo que parecia um tarado.

Disse a mim mesmo que ela era demasiado bonita para mim.

Quando faltavam trinta minutos para chegarmos, falei.

— Olá.

Ela virou-se. Olhou para mim.

— Olá.

Acho que foi nesse momento que deixei de sustentar a respiração.

Passaram-se anos até lhe perguntar porque estava sempre a olhar pela janela, tanto no aeroporto como no avião. Respondeu-me que era por nunca ter andado de avião. Só queria aterrar em segurança.

Três

Petra era a primeira da lista, mas, agora que tinha sido eliminada, passava para a segunda, uma mulher ainda jovem, chamada Naomi George. Ainda não tinha falado com ela.

À noite, dirijo-me para o Hotel Lancaster. Naomi trabalha lá como rececionista, um daqueles lugares do velho-mundo que sobrevivem por causa da glória passada. O edifício é enorme e com uma decoração tão luxuosa que nunca poderia ter sido construído hoje. Seria demasiado caro fazê-lo bem e piroso demais fazê-lo mal.

A fachada do hotel exhibe grandes portas de vidro com painéis laterais, oferecendo uma boa visão do balcão da receção. Naomi encontra-se no seu posto, vestida com a farda do Lancaster, uma saia e casaco azuis, ambos debruados com um entrançado dourado, e uma blusa branca. Tem cabelo comprido e escuro, e as sardas no nariz fazem-na parecer mais jovem do que é. Naomi tem vinte e sete anos. É provável que ainda lhe peçam a identificação nos bares, mas não é tão inocente como parece.

Ao fim da noite, já a vi mostrar-se demasiado amistosa com mais do que um hóspede. São sempre homens sós, mais velhos e muito bem vestidos, e ela nem sempre sai do hotel quando o seu turno termina. Ou Naomi anda a ganhar mais algum dinheiro em horas extraordinárias, ou costuma ter casos de uma noite com outras aspirações.

Graças às redes sociais, sei que a sua comida preferida é *sushi*, mas que não come carne vermelha. No secundário, jogou voleibol e teve um namorado, chamado Adam, pessoa a quem se refere agora como O Cretino. A relação com o seu último namorado, Jason, terminou há três meses, e, desde então, tem estado sozinha. Naomi tem andado a pensar em arranjar um animal de estimação, provavelmente

um gato, mas ainda não o fez. Conta com mais de mil amigos na Internet, mas, tanto quanto consigo perceber, tem apenas dois amigos íntimos. Três, no máximo.

Ainda não tenho a certeza de que seja esta. Preciso de saber mais. Millicent está farta de esperar.

Ontem à noite, fui encontrar Millicent na nossa casa de banho, parada em frente ao espelho, a tirar a maquilhagem. Estava vestida com umas calças de ganga e uma *T-shirt* que a declarava mãe de um aluno do sétimo ano de quadro de honra. Jenna, não Rory.

— Qual era o problema dela? — perguntou-me. Millicent não pronunciou o nome de Petra, porque não tinha de o fazer. Eu sabia a quem se referia.

— Não era a pessoa certa.

Millicent não me olhou pelo espelho. Aplicava loção no rosto.

— É a segunda que eliminaste.

— Tem de ser a pessoa certa. Sabes muito bem disso.

Ela tapou o frasco da loção com força. Fui para o quarto e sentei-me a descalçar os sapatos. Tinha tido um dia longo e precisava que ele chegasse ao fim, mas Millicent não o permitiria. Seguiu-me e parou à minha frente.

— Tens a certeza de que ainda queres fazer isto? — perguntou-me.

— Tenho.

Estava demasiado ocupado a sentir-me culpado por ter dormido com outra mulher, para mostrar um grande entusiasmo. Comecei a senti-lo à tarde, quando vi um casal idoso; deviam ter pelo menos noventa anos, mas iam de mãos dadas, enquanto desciam a rua. Casais como aquele não se traíam. Olhei para Millicent e desejei poder tornar-nos assim.

Millicent ajoelhou-se na minha frente e pôs uma mão sobre o meu joelho.

— Temos de fazer isto.

Os seus olhos brilharam, e o calor da sua mão foi irradiando à medida que ia subindo pela minha perna.

— Tens razão — respondi. — Temos de fazer isto.

Ela aproximou-se mais e beijou-me, longa e profundamente. Fez-me sentir ainda mais culpado, e querer fazer qualquer coisa para a deixar feliz.

Menos de vinte e quatro horas depois, estou sentado em frente ao Hotel Lancaster. O turno de Naomi só termina às onze, e não posso ficar sentado à porta do hotel durante as três próximas horas. Em vez de ir para casa, vou comer qualquer coisa e depois sento-me num bar. É um sítio conveniente para se ir quando não há mais sítio nenhum.

O lugar que escolhi está meio cheio, sobretudo com homens sozinhos. Não é tão bom como o bar onde estive com a Petra. Os coquetéis também são a metade do preço, e qualquer pessoa que use fato está já de gravata desapertada. O chão de madeira está estampado de riscos dos bancos do bar, e círculos de copos molhados decoram o balcão. Este é um espaço para e de consumidores de bebidas alcoólicas, um sítio onde toda a gente está demasiado inebriada para reparar nos pormenores.

Peço uma cerveja e assisto a um jogo de basebol num ecrã e ao noticiário noutro.

O jogo vai na segunda parte da terceira entrada, duas eliminações. Chuva para amanhã, talvez, mas também pode fazer sol. Está sempre sol aqui em Woodview, na Florida, um suposto enclave do mundo real. Em cerca de uma hora podemos estar junto ao mar, num parque florestal ou num dos maiores parques de diversão do mundo. Estamos sempre a dizer a sorte que temos por viver aqui na Florida central, sobretudo nós, que vivemos na subdivisão de Hidden Oaks, um enclave no enclave.

Primeira parte da quarta entrada, uma eliminação. Ainda faltam duas horas para o turno da Naomi terminar e para eu poder segui-la.

E, depois, Lindsay.

O seu rosto sorridente olha-me do ecrã de televisão.

Lindsay, com os seus olhos castanhos muito juntos e o cabelo louro liso, o bronzado de quem gosta de andar ao ar livre e os seus grandes dentes brancos.

Desapareceu há um ano. Foi notícia durante uma semana, depois, a história morreu. Sem família próxima para a manter na televisão, mais ninguém prestou atenção. Lindsay não era uma criança desaparecida; não era indefesa. Era uma mulher adulta, e, em menos de sete dias, estava esquecida.

Eu não a esqueci. Ainda me lembro do seu riso. Era suficientemente contagioso para me fazer rir também. Vê-la de novo recordou-me como gostei dela.

Quatro

Falei, pela primeira vez, com Lindsay numa caminhada. Num sábado de manhã, segui-a para os trilhos da montanha mesmo à saída da cidade. Ela começou por um trilho, eu comecei por outro, e uma hora mais tarde cruzámo-nos.

Assim que me viu, Lindsay dirigiu-me um aceno de cabeça e disse-me «olá» de uma forma que não convidava a mais conversas. Acenei e mimei um «olá» com os lábios. Inconscientemente, fez um olhar estranho, e passei-lhe o meu telefone para me apresentar.

Desculpe, isto deve ter parecido estranho! Olá, chamo-me Tobias. Sou surdo.

Vi as suas defesas baixarem.

Ela apresentou-se e conversámos, depois, sentámo-nos para beber água, e ela ofereceu-me um doce. *Pixy Stix*. Tinha uma mão cheia deles.

Lindsay revirou os olhos.

— Horrível, não é? Comer doce, enquanto faço exercício? Mas adoro isto.

Eu também.

Era verdade. Não comia *Pixy Stix* desde criança, mas adorava-os.

Ela falou-me de si, do seu emprego, da casa e dos passatempos, coisas que eu já sabia. Contei-lhe as mesmas histórias que contava a todas.

À medida que o sol matinal se erguia no céu, decidimos terminar aquela caminhada, juntos. Mantivemo-nos em silêncio a maior

parte do caminho, mas gostei disso. A minha vida quase nunca era silenciosa.

Ela declinou o meu convite para almoçar, mas trocámos números de telefone. Dei-lhe o número do telefone que uso quando sou Tobias.

Lindsay enviou-me uma mensagem alguns dias depois da caminhada. Ter notícias dela fez-me sorrir.

Gostei de te conhecer na semana passada, espero que possamos voltar a caminhar juntos um dia destes.

E voltámos.

Um trilho diferente, desta vez, mais para norte, perto da floresta de Indian Lake. Ela voltou a levar *Pixy Stix*; eu levei uma manta. Parámos para descansar numa zona onde a entrada do sol era bloqueada pela densa vegetação. Quando nos sentámos, sorri para ela, com sinceridade.

— És giro — disse ela.

Não, tu é que és gira.

Ela enviou-me uma mensagem alguns dias depois, e ignorei-a. Por essa altura, Millicent e eu tínhamos concordado que Lindsay era a pessoa certa.

Agora, um ano mais tarde, Lindsay voltava à televisão. Tinham-na encontrado.

Do bar, vou diretamente para casa. Millicent já lá está, sentada no alpendre da frente. Continua vestida com as roupas do trabalho e os sapatos de pele que são a sua imagem de marca, do tom da sua tez. Ela diz que fazem as suas pernas parecer mais compridas, e concordo. Reparo sempre quando ela os calça, até neste momento.

Depois de ter trabalhado o dia inteiro e de ter ficado no carro a observar Naomi, percebo como preciso urgentemente de um banho. Millicent, porém, nem levanta o nariz quando me sento ao seu lado. Antes que eu tenha tempo de dizer alguma coisa, ela fala.

— Não há problema.

— Tens a certeza? — pergunto.

— Absoluta.

Não sei se isto é verdade. Devíamos ter tratado de Lindsay juntos, mas isso acabou por não acontecer. E não tenho forma de argumentar.

— Não compreendo como é que...

— Não há problema — diz ela de novo. Aponta para cima, para o segundo andar da nossa casa. Os miúdos estão em casa. Quero fazer-lhe mais perguntas, mas não posso.

— Vamos ter de adiar a próxima — digo. — Não devíamos fazer nada agora.

Ela não responde.

— Millicent?

— Eu ouvi.

Quero perguntar-lhe se ela compreende, mas sei que sim. Apenas não gosta do que lhe digo. Está aborrecida por Lindsay ter sido encontrada agora, no preciso momento em que estávamos a planear outra. É como se tivesse ficado viciada.

E não é a única.

Quando conheci Millicent no avião, não foi amor à primeira vista. Para ela. Não senti sequer um leve interesse. Depois de dizer «olá», desviou o olhar e continuou virada para a janela. Eu tinha voltado ao ponto de partida. Recostei-me no assento, fechei os olhos e censurei-me por não ter coragem para dizer mais nada.

— Se faz favor.

Os meus olhos abriram-se de imediato.

Ela estava a olhar para mim, com uns olhos verdes enormes e a testa franzida.

— Sente-se bem? — perguntou-me.

Anuí.

— Tem a certeza?

— Tenho. Não percebo porque...

— Porque estava a bater com a cabeça contra isso. — Ela apontou para o encosto de cabeça. — Está a abanar o assento.

Nem me tinha apercebido de que estava a fazer aquilo. Julgara que toda aquela repreensão mental era apenas isso: mental.

— Peço desculpa.

— De certeza que se sente bem?

Recompus-me o suficiente para perceber que a rapariga para a qual estivera a olhar, agora, olhava para mim. E parecia até preocupada.

Sorri.

— Está tudo bem, a sério. Estava só...

— A agredir-se. Eu faço o mesmo.

— Porquê?

Ela encolheu os ombros.

— Montes de coisas.

Tive vontade de saber tudo o que fazia aquela rapariga bater com a cabeça de frustração, mas o trem de aterragem acabara de descer, e não tivemos tempo.

— Diga-me uma delas — pedi.

Ela refletiu sobre a minha pergunta, levando mesmo o indicador aos lábios. Reprimi outro sorriso, não só por aquela imagem ser encantadora, mas porque tinha a atenção dela.

Depois de o avião aterrar, respondeu-me.

— Idiotas — disse. — Idiotas em aviões que se metem comigo quando só quero que me deixem em paz.

Sem pensar, sem sequer perceber que estava a falar de mim, disse-lhe:

— Posso protegê-la desses idiotas.

Ficou a olhar para mim, perplexa. Quando percebeu que estava a falar a sério, desatou a rir.

Quando percebi porque se ria, fiz o mesmo.

Ao sairmos do avião, não só já nos tínhamos apresentado como também tínhamos trocado números de telefone.

Antes de se ir embora, perguntou-me:

— Como?

— Como o quê?

— Como é que me ia defender de todos esses idiotas em aviões?

— Obrigava-os a ficar no assento do meio, baixava os apoios dos braços e fazia-lhes cortes nas mãos com a brochura informativa dos procedimentos de emergência.

Ela riu-se de novo, uma gargalhada mais longa e mais forte do que a anterior. Ainda não me cansei de a ouvir rir.

Aquela conversa tornou-se uma parte de nós. No primeiro Natal que passámos juntos, dei-lhe uma caixa enorme, suficientemente grande para poder conter uma televisão gigante, toda embrulhada e atada com um laço. A única coisa que havia lá dentro era uma brochura informativa dos procedimentos de emergência.

Todos os Natais, desde então, temos tentado inventar a referência mais criativa para a nossa piada privada. Uma vez, dei-lhe um colete salva-vidas. Outra vez, ela redecorou a nossa árvore com máscaras de oxigénio penduradas.

Sempre que entro num avião e vejo aquela brochura informativa dos procedimentos de emergências, ainda sorrio.

O mais estranho é que, se tivesse de escolher o instante, o momento exato em que tudo se pôs em movimento e nos levou onde nos encontramos agora, teria de dizer que tudo se deveu a um corte com papel.

Aconteceu quando o Rory tinha oito anos. Ele tinha amigos, mas não muitos, era um miúdo que se situava a meio na escala de popularidade, por isso, foi uma surpresa quando um rapaz chamado Hunter lhe fez um corte com papel. De propósito. Tinham estado

a discutir sobre qual dos super-heróis era mais forte, quando Hunter se irritou e cortou Rory. O corte foi na dobra entre o polegar e o indicador da sua mão direita. Suficientemente doloroso para fazer Rory gritar.

Hunter foi mandado para casa, e Rory para a enfermaria, onde lhe ligaram a mão e lhe deram um chupa-chupa sem açúcar. A dor já tinha sido esquecida.

Naquela noite, depois de os miúdos se irem deitar, Millicent e eu falámos do corte. Estávamos na cama. Ela tinha acabado de fechar o portátil, e eu desliguei a televisão. A escola ainda agora tinha começado, e o bronzado estival de Millicent ainda não tinha desaparecido. Ela não jogava ténis, mas adorava nadar.

Millicent pegou-me na mão e esfregou a fina extensão de pele entre o meu polegar e o indicador.

— Alguma vez te cortaste aqui?

— Não. E tu?

— Sim. Dói como o raio.

— Como é que aconteceu?

— A Holly.

Eu sabia muito pouco de Holly. Millicent quase nunca falava da irmã mais velha.

— Ela cortou-te? — perguntei.

— Estávamos a fazer colagens com todas as nossas coisas preferidas, cortávamos fotografias de revistas e colávamo-las em grandes folhas de cartolina. Holly e eu fomos pegar na mesma cartolina ao mesmo tempo e — encolheu os ombros — cortei-me.

— Gritaste?

— Não me lembro. Mas chorei.

Peguei-lhe na mão e beijei o corte há muito curado.

— Que coisas preferidas? — quis saber.

— O quê?

— Disseste que estavam a cortar fotos das vossas coisas preferidas. Que coisas?

— Ah, não — disse ela, retirando a mão e desligando a luz. — Não vais transformar isto noutra coisa maluca para o Natal.

— Não gostas da nossa coisa maluca no Natal.

— Adoro. Mas não precisamos de mais.

Eu sabia que não precisávamos. Estava só a tentar evitar o tema da Holly, porque Millicent não gostava de falar dela. Foi por isso que a interroguei sobre as suas coisas preferidas.

Devia ter perguntado por Holly.

**UM THRILLER SELVAGEM SOBRE UM CASAL
CUJO CASAMENTO DE QUINZE ANOS
SE TORNA, FINALMENTE, INTERESSANTE...**

A nossa história de amor é simples. Conheci uma mulher extraordinária. Apaixonámo-nos. Tivemos filhos. Mudámo-nos para os subúrbios. Contámos um ao outro os nossos grandes sonhos e os nossos segredos mais sombrios. E depois começámos a ficar aborrecidos.

Parecemos um casal normal. Tal como os seus vizinhos, os pais do melhor amigo do seu filho, os conhecidos com quem janta de vez em quando.

Todos nós temos os nossos pequenos segredos para manter vivo um casamento.

Só que o nosso envolve assassinato.

«Formidável, viciante.»

Publishers Weekly



Penguin
Random House
Grupo Editorial



penguinlivros.pt



penguinlivros



sumadeletrasportugal

ISBN 9789897848025



g 789897 848025 >